

RELAÇÃO ENTRE A OCORRÊNCIA DE VULVOVAGINITES E HÁBITOS DE HIGIENE ÍNTIMA

RELATIONSHIP BETWEEN THE OCCURRENCE OF VULVOVAGINITIS AND INTIMATE HYGIENE HABITS

Ana Karine Maia Grandim¹

Leilane Barbosa de Sousa²

RESUMO: As vulvovaginites (VV) são infecções que ocorrem no trato genital feminino. A ocorrência de vulvovaginites representa uma das principais queixas em consultas ginecológicas e alguns fatores estão relacionados ao aparecimento dessas patologias, como os hábitos de higiene. Objetivou-se identificar quais hábitos de higiene íntima estão relacionados com a ocorrência de vulvovaginites. Trata-se de uma revisão integrativa de literatura. Os dados foram extraídos no mês de outubro de 2023 nas seguintes bases de dados: Literatura Latino-Americana e Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), (SciELO), (MEDLINE) e (PUBMED). Os descritores usados na pesquisa foram: "vulvovaginites", "higiene", "candidíase vulvovaginal" e "vaginose bacteriana". Como critérios de inclusão, foram selecionados estudos disponíveis eletronicamente na íntegra em qualquer idioma. Foram critérios de exclusão estudos realizados que não responderam a pergunta norteadora, estudos repetidos, estudos *in vitro* ou editoriais, preprints e protocolos clínicos. Foram selecionados 64 artigos para leitura na íntegra, obtendo como amostra final 17 artigos. Os hábitos de higiene identificados foram: uso de duchas intravaginais, uso de roupas apertadas e sintéticas, uso de sprays, desodorantes íntimos e sabonetes bactericidas, má higienização após evacuações, no sentido póstero-anterior e compartilhamento de peças íntimas. As práticas de higiene e cuidados íntimos são fatores predisponentes à ocorrência de vulvovaginites.

DESCRITORES: vulvovaginites; higiene; candidíase vulvovaginal; vaginose bacteriana

¹ Acadêmica da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB)
E-mail: karinemaia892@gmail.com

² Enfermeira, Doutora em enfermagem. Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB) E-mail: leilane@unilab.edu.br
Data de submissão e aprovação: 11/12/2023.

ABSTRACT: Vulvovaginitis (VV) are infections that occur in the female genital tract. The occurrence of vulvovaginitis represents one of the main complaints in gynecological consultations and some factors are related to the appearance of these pathologies, such as hygiene habits. The objective was to identify which intimate hygiene habits are related to the occurrence of vulvovaginitis. This is an integrative literature review. Data were extracted in October 2023 from the following databases: Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS), (SciELO), (MEDLINE) and (PUBMED). The descriptors used in the research were: "vulvovaginitis", "hygiene", "vulvovaginal candidiasis" and "bacterial vaginosis". As inclusion criteria, studies available electronically in full in any language were selected. Exclusion criteria were studies carried out that did not answer the guiding question, repeated studies, in vitro studies or editorials, preprints and clinical protocols. 64 articles were selected for full reading, resulting in 17 articles as a final sample. The hygiene habits identified were: Use of intravaginal showers, use of tight and synthetic clothing, Use of sprays, intimate deodorants and bactericidal soaps, poor hygiene after bowel movements, in the postero-anterior direction and sharing of intimate items. Hygiene and intimate care practices are predisposing factors to the occurrence of vulvovaginitis.

KEY - WORDS: vulvovaginitis; hygiene; vulvovaginal candidiasis; bacterial vaginosis.

INTRODUÇÃO

As vulvovaginites (VV) são infecções que ocorrem no trato genital feminino, caracterizadas por uma inflamação das paredes de revestimento da vulva e da vagina (FÉLIX, 2019). A anatomia da região genital feminina possui uma microbiota ou flora vaginal própria que desempenha um importante papel para a manutenção da saúde genital feminina. Porém, diversos fatores podem causar alterações nessa região, auxiliando em seu equilíbrio ou causando distúrbios genitais promovendo desequilíbrios locais, como inflamação, irritações ou infecções (FÉLIX, 2019 *apud* GIRALDO; BEGHINE, 2015).

A ocorrência de vulvovaginites representa uma das principais queixas em consultas ginecológicas. Geralmente, a procura por atendimento está relacionada a apresentação de sintomas como corrimento vaginal, prurido, ardência, disúria, dispareunia. Alguns fatores estão relacionados ao aparecimento dessas patologias, que podem ter tanto causas intrínsecas, como idade, genética, hormônios, estresse, obesidade e gravidez, ou causas extrínsecas, que estão relacionadas à alimentação, atividade física, atividade sexual, vestimentas, depilação, absorventes higiênicos, hábitos de higiene, duchas intravaginais, adornos genitais e medicamentos, principalmente os contraceptivos (FÉLIX, 2019 *apud* GIRALDO; BEGHINE, 2015).

As infecções que afetam o trato genital feminino podem ocasionar consequências psicológicas e físicas para a saúde da mulher. Elas possuem grande relevância clínica não apenas pelo número de ocorrência, mas também pelas consequências que podem acarretar quando não tratadas adequadamente, pela sintomatologia desconfortável e pelas repercussões na sexualidade, influenciando a autoestima e a qualidade de vida. Dentre as principais consequências físicas associadas estão infertilidade, parto prematuro ou recém-nascido de baixo peso, aborto, endometrite pós-cesariana, aumento do risco de contrair doenças de transmissão sexual, como AIDS, gonorréia, tricomoníase entre outras (FEBRASGO, 2018).

A flora da região genital feminina é importante para a proteção da genitália e na prevenção de VV. Mudanças nos hábitos de higiene e de cuidados íntimos influenciam para que ocorram alterações nessa região. As VV têm como agentes etiológicos bactérias, fungos leveduriformes e protozoários. As infecções mais frequentes são a Vaginose bacteriana (VB), Candidíase vulvovaginal (CVV) e a Tricomoníase, porém existem ainda outros agentes causadores.

Diante das patologias expostas, alguns fatores sobrepõem-se para o desenvolvimento dessas doenças. Em mulheres com hábitos como uso de duchas vaginais ou produtos intravaginais, uso de dispositivo intrauterino (DIU), múltiplas parcerias sexuais, entre outros, é frequente o aparecimento de VB que é a principal causa de corrimento vaginal com odor fétido (BRASIL, 2022). Na Vaginose bacteriana a região vaginal pode tornar-se imunodeprimida, tornando-a suscetível a outras infecções, como a infecção causada pelo papilomavírus humano (HPV) e HIV. Além de causar diversos distúrbios do trato reprodutivo.

A Candidíase vulvovaginal (CVV) é uma infecção causada por leveduras do gênero *Candida*. É uma infecção fúngica oportunista mais frequente que acomete principalmente indivíduos imunocomprometidos, a baixa imunidade, mesmo após tratamento, poderá levar a recidivas da infecção. Os sintomas da CVV são prurido vulvar intenso, ardor, leucorreia, dispareunia, disúria externa, edema, eritema vulvovaginal e fissuras vulvovaginais (FÉLIX, 2019 *apud* RAIMUNDO; TOLEDO, 2017). Alguns fatores que predispõem para a ocorrência da candidíase vulvovaginal são os distúrbios sistêmicos ou locais do sistema imune e fatores extrínsecos como uso de roupa íntimas justas e/ou sintéticos, terapia de reposição hormonal, hábitos de higiene inadequados e principalmente a antibioticoterapia, contato com substâncias alergênicas e/ou irritantes (perfumes, talcos, desodorantes íntimos, sabonetes) (BRASIL, 2022).

O bem-estar da saúde feminina perpassa questões que vão além do desenvolvimento de políticas públicas de saúde, envolvem aspectos relacionados aos costumes sociais, questões culturais e realidades socioeconômicas diversas. Faz-se necessário analisar as questões sobre saúde ginecológica da mulher a partir de uma abordagem interseccional, que envolva as múltiplas realidades às quais elas estão inseridas.

Em relação às referências teóricas que falem sobre a associação entre o desenvolvimento de vulvovaginites e hábitos de higiene e cuidados íntimos há uma carência de informações e, quando são encontradas, não há um consenso sobre quais são favoráveis ou não ao aparecimento das vulvovaginites.

O presente estudo irá contribuir para esclarecimentos e constatações sobre hábitos de higiene e sua relação com a ocorrência das vulvovaginites. A identificação de dados, informações sobre esse assunto irá permitir o desenvolvimento de ações em educação em saúde ou novos estudos sobre a temática. Nesse sentido, tomando como base os estudos já realizados iremos detectar os hábitos mais prevalentes e aqueles que são favoráveis a

ocorrência dessas patologias ou são benéficos para a manutenção do equilíbrio da flora da região do trato genital feminino.

OBJETIVO

- Investigar hábitos de higiene íntima relacionados com a ocorrência de vulvovaginites.

METODOLOGIA

Trata-se de Revisão Integrativa, que consiste em “um método de estudos baseado em evidências presentes em bases de dados para que o tema em questão seja discutido e analisado possibilitando uma avaliação crítica e síntese de evidências disponíveis” (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO; 2008). Além de apontar lacunas de conhecimento que precisam ser preenchidas com a realização do estudo.

A revisão integrativa seguiu as seguintes etapas: (1) produção da pergunta norteadora da pesquisa; (2) Triagem da amostra da literatura; (3) categorização dos estudos; (4) análise crítica dos resultados; (5) discussão; (6) apresentação (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2019)

Para guiar a Revisão Integrativa formulou-se a questão norteadora elaborada com auxílio da estratégia PICo (VIANA,2019), sendo P de Paciente e refere-se às “mulheres”, I de Interesse “hábitos de higiene íntima” e Co (contexto) na ocorrência de vulvovaginites. Assim formulou-se a seguinte pergunta: Quais os hábitos de higiene íntima estão relacionados com a ocorrência de vulvovaginites?

O processo de seleção dos artigos ocorreu em outubro de 2023, nas bases de dados: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-Americana e Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE) e PubMed. As buscas foram realizadas no portal das bases de dados citadas.

Os descritores utilizados para a busca dos estudos nas bases de dados foram delimitados por meio do Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e Medical Subject Headings (MeSH): Vulvovaginites (vulvaginitis); Higiene (hygiene); Candidíase vulvovaginal; Vaginose Bacteriana. Foram utilizados o operador booleano “AND” e “OR” na realização dos cruzamentos. As combinações foram realizadas de diferentes formas para possibilitar uma busca ampla.

Para critérios de Inclusão foram selecionados estudos disponíveis eletronicamente na íntegra em qualquer idioma. Foram critérios de exclusão estudos realizados que não responderam à pergunta norteadora, estudos repetidos, estudos *in vitro* ou com animais, editoriais, preprints e protocolos clínicos.

Os artigos encontrados nas bases de dados foram exportados para o software Rayyan (JOHNSON; PHILLIPS, 2018). Os artigos foram, inicialmente, analisados quanto à duplicidade do título e selecionaram-se apenas uma versão de cada artigo. Logo após, iniciou-se a análise quanto à temática e tipo de estudo através da leitura dos títulos e resumos dos estudos. Em seguida, avaliou-se a elegibilidade dos artigos por meio da leitura na íntegra.

Para análise e posterior síntese dos artigos que atenderam aos critérios de inclusão foi utilizado um quadro sinóptico, construído para este fim. Os dados foram apresentados de forma descritiva e discutidos conforme literatura pertinente, que contemplou os seguintes aspectos: autor, ano, título do artigo, tipo de estudo, hábitos de higiene favoráveis à ocorrência de VV e resultados encontrados.

Foi realizada uma adaptação do fluxograma PRISMA para a demonstração do delineamento que foi seguido para o alcance da amostra. A discussão e apresentação do estudo serão realizados subsequentemente. Os dados foram apresentados de forma descritiva e organizados em um quadro sinoptico e discutidos conforme literatura pertinente.

Quadro 1 - Estratégias de busca dos estudos nas bases de dados

BASE OU BIBLIOTECA/ESTRATÉGIA DE BUSCA	SCIELO	MEDLINE	LILACS	PUBMED
Vulvovaginites AND Higiene	0	1	10	1
Candidíase vulvovaginal AND Higiene	1	26	9	1
Vaginose bacteriana AND Higiene	2	42	10	1
(“Vulvovaginitis” OR “Vulvovaginites”) AND (“Higiene” OR “Higiene”)	6	172	45	68
Vulvovaginites AND Candidíase vulvovaginal AND Vaginose Bacteriana	1	0	4	0
TOTAL DE ARTIGOS	10	241	78	71

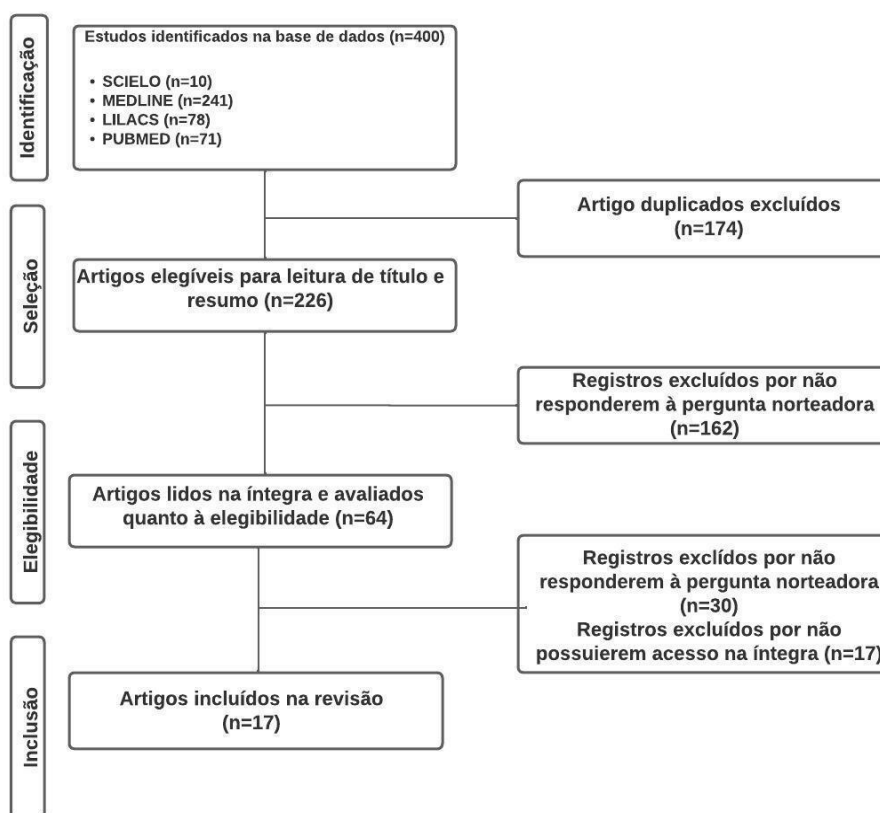
Fonte: dados da pesquisa (2023)

RESULTADOS

Inicialmente foram selecionados 400 artigos nas bases de dados, referentes aos hábitos de higiene íntima, cuidados da região genital feminina e a ocorrência de vulvovaginites utilizando-se de diferentes estratégias de busca, conforme quadro que consta na metodologia. Os critérios de exclusão foram aplicados com a finalidade de classificar aqueles que mais correspondem com a proposta da revisão. Nesse sentido, foram escolhidos 64 artigos para leitura na íntegra e apenas 17 foram adequados à proposta desta revisão integrativa.

Foi realizada uma adaptação do Fluxograma PRISMA, onde mostra o delineamento que foi seguido para o alcance da amostra da pesquisa. A Figura 01 traz a demonstração da seleção dos estudos.

Figura 01 - Representação esquemática da seleção dos estudos para compor esta revisão integrativa. Redenção-CE, 2023



Fonte: dados da pesquisa (2023)

Logo após a seleção e leitura dos artigos e de acordo com os critérios de inclusão e exclusão determinados foi construído um banco de dados com a finalidade de enfatizar as principais informações dos artigos, destacando os seguintes dados: autores e ano de publicação, título do estudo, tipo de estudo, hábitos de higiene favoráveis a ocorrência de VV e resultados encontrados.

Os estudos selecionados para compor esta pesquisa foram: Nos anos de 2007, 2008, 2009, 2015, 2016 e 2018 foram, respectivamente, dois (70,58%) trabalhos em cada. Três (17,64%) estudos em 2022. Os idiomas de publicação foram: Dez (58,82%) inglês, seis (35,29%) em português e um (5,88%) em espanhol.

Os países da realização dos estudos selecionados foram: Iran um (5,88%), Líbano um (5,88%), Peru um (5,88%), Brasil doze (70,58%) e Estados Unidos dois (11,76%). Os hábitos de higiene mais prevalentes nas publicações foram: uso de vestimentas apertadas, sintéticas e/ou com pouca ventilação (58,82%), higienização inadequada após evacuações, realizada no sentido póstero-anterior (47,05%), uso indiscriminado de duchas intravaginais (29,41%), uso de absorventes diariamente, compartilhamento de peças íntimas (11,76%) e uso de sabonetes bactericidas, sprays e desodorantes íntimos (17,64%).

Quadro 2 - Caracterização dos estudos incluídos na pesquisa, 2023

CARACTERIZAÇÃO DOS ESTUDOS			
Nº	Autor/ Ano/País	Título	Tipo de Estudo
1	Bahram A, Hamid B, Zohre T/2009/ Irã	Prevalence of Bacterial Vaginosis and Impact of Genital Hygiene Practices in Non-Pregnant Women in Zanjan, Iran	Descritivo/Analítico
2	Attieh E, M, S. <i>et al.</i> / 2016/ Líbano	Feminine hygiene practices among female patients and nurses in Lebanon	Observacional transversal
3	Brotman RM <i>et al.</i> 2008	A longitudinal study of vaginal douching and bacterial vaginosis--a marginal structural modeling analysis.	Estudo Longitudinal
4	Felix TC <i>et al.</i> 2020/ Brasil	Avaliação de vulvovaginites e hábitos de higiene de mulheres atendidas em unidades básicas de saúde da família	Estudo Transversal
5	Holanda A. A. R. de <i>et al.</i> / 2007/ Brasil	Candidíase vulvovaginal: sintomatologia, fatores de risco e colonização anal concomitante.	Estudo Epidemiológico Transversal
6	Zeng, Xianling <i>et al.</i> 2018	Risk Factors of Vulvovaginal Candidiasis among Women of Reproductive Age in Xi'an: A Cross-Sectional Study.	Estudo Transversal
07	Bardin, M. G <i>et al.</i> 2022	Hábitos de higiene genital e atividade sexual entre mulheres com vaginose bacteriana e/ou candidíase vulvovaginal	Estudo Transversal
08	MEJIA, Christian R. <i>et al.</i> 2020	Myths and beliefs of intimate care and hygiene in young peruvian women	Transversal analítico

09	Ferrian, Andréa Marta <i>et al</i> /2007	Vulvovaginites em crianças e adolescentes.	Qualitativo
10	PEREIRA, E. P. R. <i>et al</i> / 2022	As dificuldades encontradas pela mulher na prevenção contra a candidíase vulvovaginal.	Qualitativo
11	Bittencourt, V. L. A <i>et al</i> /2022	A incidência de vulvovaginites em uma comunidade terapêutica para adolescentes.	Descritivo/Qualitativo
12	Duprat, . M <i>et al</i> / 2023	Fatores de Risco Para Candidíase Vulvovaginal: Estudo com universitárias de Joinville, SC.	Transversal observacional
13	Freitas, B. <i>et al</i> / 2018	Fatores de risco associados à Candidíase Vulvovaginal.	Qualitativo
14	Neponuceno, S. dos R. <i>et al</i> / 2023	Conhecimento de mulheres acerca da saúde íntima feminina antes e após aplicação de álbum seriado: estudo quase- experimental	Experimental
15	Chaves, G. do B. <i>et al</i> / 2015	Avaliação do nível de conhecimento de discentes dos cursos superiores de saúde a respeito da candidíase vaginal.	Quanti-qualitativo
16	Oliveira. D. L de; <i>et al</i> / 2021	Espécies de Candida causadoras de vulvovaginites e resistência aos antifúngicos utilizados no tratamento	Transversal/Qualitativo
17	Felix, T. C/ 2021	Vulvovaginite em mulheres atendidas em serviço de Atenção Primária à Saúde da Família: ocorrência e hábitos de higiene	Qualitativo

Fonte: dados da pesquisa (2023)

Quadro 3 - Hábitos de Higiene e Resultados encontrados nos estudos, 2023

Nº	Hábitos	Resultados encontrados
01	Ducha frontal para trás e limpeza da área genital; Uso de absorvente higiênico.	As variáveis relacionadas à higiene foram divididas em três categorias de higiene menstrual, vaginal individual e coito. A análise estatística mostrou correlação significativa entre o estado menstrual de VB e a higiene vaginal individual ($p < 0,01$ e $p < 0,001$, respectivamente). Em contraste, não foi observada correlação significativa entre VB e higiene coital.

02	Uso de ducha vaginal; Uso de lenços Umedecidos para Higiene íntima; Uso de Sprays Desodorante feminino.	A ducha deve ser desencorajada, pois altera a flora vaginal e predispõe a mulher à vaginose bacteriana, doença inflamatória pélvica, endometrite e infecções sexualmente transmissíveis [63,2]. Ott et al., examinaram a associação entre o uso de produtos de higiene feminina (lenços umedecidos, sprays, duchas e cremes de levedura) e infecções sexualmente transmissíveis (IST). Vinte e sete por cento das 13 adolescentes recrutadas utilizavam lenços umedecidos femininos e isso estava relacionado a uma DST recente [14]. O uso de lenços umedecidos femininos pode irritar a pele vulvar e predispor à dermatite vulvar. Nossos resultados mostram um uso generalizado de lenços umedecidos entre os pacientes, o que pode ser devido à falta de informação.
03	Uso de ducha vaginal com soro fisiológico ou acético.	Nossos resultados indicam que a ducha foi praticada com maior frequência por mulheres que apresentaram vaginose bacteriana. Depois de aplicar métodos que ajustaram para o comportamento de ducha induzido por sintomas de vaginose bacteriana – um problema de confusão variável no tempo por indicação (28, 32) – encontramos um aumento significativo de 21% no risco de vaginose bacteriana para os participantes que usaram duchas vaginais.
04	Higiene após a evacuação, no sentido póstero-anterior; Uso de Roupas apertadas.	A higiene após a evacuação, no sentido póstero-anterior, apresentou diferença estatisticamente significativa para a ocorrência de infecção (OR = 4,9, $p = 0,0212$). Embora a maioria dos participantes do presente estudo tivesse pelo menos 12 anos de escolaridade, observou-se que nove pacientes (9%) realizavam higienização após a evacuação no sentido póstero-anterior, sendo que destes, oito (88,8%) apresentavam até 12 anos de estudo. O uso de calça jeans pelos participantes foi estatisticamente significativa para a ocorrência de infecção (OR= 4,0526, $p = 0,0107$). Mais da metade das mulheres com DV relatou usar calcinha de algodão (70%) e calça jeans apertada (83,3%). As roupas podem causar alterações na microbiota vaginal, devido à variação de temperatura, umidade local e comprometimento da ventilação da genitália externa, alterando o ecossistema genital e causando irritação, reação alérgica ou corrimento.
05	Uso de roupas íntimas justas e/ou sintéticas; Higiene após a evacuação, no sentido póstero-anterior.	A espécie mais frequente foi <i>C. albicans</i> em 69% dos casos. Uso de roupas íntimas justas e/ou sintéticas, presença de doenças alérgicas, ocorrência de prurido, leucorréia e hiperemia apresentaram associação com a positividade vaginal para <i>Candida</i> spp. A chance de uma paciente com colonização anal positiva de apresentar positividade vaginal concomitante foi 2,8 e 4,9 vezes maior, respectivamente, para <i>Candida</i> spp e <i>C. albicans</i> . A chance de uma paciente com cultura anal positiva para <i>C. albicans</i> de apresentar resultado vaginal positivo foi 3,7 vezes maior quando comparada a espécies não <i>C. albicans</i> .

06	Uso de ducha intravaginal; Uso de meia calça frequente; não limpeza da vulva antes ou após a relação sexual.	No presente estudo, noventa e sete casos foram pacientes com CVV e oitenta e sete casos eram mulheres saudáveis. Este estudo transversal mostrou que o consumo ocasional ou nunca de bebidas doces (odds ratio [OR] =0,161, intervalo de confiança [IC] 95% =0,056-0,462, P=0,001), consumo ocasional ou nunca de alimentos doces (OR=0,158, IC95%=0,054-0,460, P=0,001) e o uso de preservativo (OR=0,265, IC95%=0,243-0,526, P=0,001) foram considerados fatores de proteção para CVV. Além disso, estilo de vida sedentário (OR=7,876, IC95%=1,818-34,109, P=0,006), uso frequente de meia-calça (OR=6,613, IC95%=1,369-27,751, P=0,018), ducha intravaginal frequente (OR=3,493, IC95%=1,379-8,847, P=0,008), primeira relação sexual com menos de 20 anos (OR=2,364, IC95%=1,181-7,758, P=0,006), número de parceiros sexuais acima de dois anos (OR=3,222, IC95%=1,042-9,960, P=0,042), história de curetagem (OR=3,471, IC95%=1,317-9,148, P=0,012), história de vaginite (OR=8,999, IC95%=2,816-28,760, P<0,001) e não limpeza da vulva antes ou após a relação sexual (OR=13,684, IC95%=2,843-65,874, P=0,001) foram considerados fatores de risco para CVV.
07	Uso de sabonete íntimo bactericida.	Este estudo avaliou 166 controles saudáveis e 141 mulheres com diagnóstico de VB (n=72), VVC (n=61) ou ambas (n=8). O uso de sabonete íntimo e lenços umedecidos após a micção foram hábitos mais frequentes entre mulheres saudáveis (p=0,042 e 0,032, respectivamente). Em comparação com os controles, o sabonete bactericida foi mais usado por mulheres com VB (p=0,05).
08	Uso de roupas íntimas justas e/ou sintéticas; Higiene após a evacuação, no sentido póstero-anterior; Não trocar de roupa íntima diariamente.	De acordo com os resultados, também houve diferenças importantes em relação à forma como a limpeza vaginal era praticada; Acima de tudo, o uso de produtos químicos. Isso pode ser devido a uma alteração no pH vaginal. Segundo Kamga et al., o uso de produtos químicos pode diminuir o pH e afetar os lactobacilos. ¹⁶ Segundo Abad et al., o aumento da frequência de lavagem diária aumenta a possibilidade de aquisição de infecção vaginal, uma vez que o pH dessa área estaria alterado. ¹² Além disso, verificamos que o uso de camomila ou outras plantas medicinais é quase inexistente. No entanto, algumas pesquisas mostram que a frequência de uso de ervas para ducha foi tão alta quanto 25%.
09	Uso de úmidas; Roupas apertadas e tecidos poucos ventilados; Higiene após a evacuação, no sentido póstero-anterior.	Cerca de 70% das vulvovaginites na infância e adolescência são inespecíficas, sendo resultado de má higiene, limpeza inadequada, roupas apertadas ou irritação por banhos espumantes ou sabonetes. Fatores como a falta do pH ácido, de ácido lático, de estrogênio, de lactobacilos, além do epitélio vaginal afinado estão relacionados a este quadro clínico.
10	Uso de peças íntimas apertadas ou de tecidos pouco ventilados.	A utilização de peças íntimas apertadas excessivamente pode ser relacionada à baixa aeração dos órgãos genitais e, conseqüentemente, isso resulta em aumento da umidade vaginal, proporcionando um ambiente ideal para a proliferação de fungos.

11	Compartilhamento de peças íntimas; Uso de duchas intravaginais.	No estudo, outros fatores de risco para as vulvovaginites foram identificados: o diagnóstico de pré-diagnósticos de Diabetes mellitus (2,10%) a gestação em algum momento da vida (21,28%) e as ISTs pré adquiridas como a Sífilis (4,26%) e o HIV (2,13%) já que tais fatores são imunossupressores. Assim, outros fatores de risco foram possíveis de serem detectados, como a utilização de duchas vaginais (19,10%) e o compartilhamento de peças íntimas dentro da instituição (23,40%). O uso compartilhado de peças íntimas é uma má prática de higiene íntima e pode favorecer a transmissão de alguns patógenos, ação praticada por algumas entrevistadas, conforme descrito no estudo.
12	Uso de vestimentas apertadas ou pouco ventiladas; Uso de protetor íntimo diário.	O uso de protetor íntimo diário foi significativamente maior entre as mulheres que apresentaram um ou mais episódios de CVV quando comparado às mulheres que não apresentaram a doença ($p=0,0302$), assim como relatado por Pereira (2021). Isso é explicado por Pontes e colaboradores (2016) pelo aumento da temperatura e umidade no local o que contribui para o crescimento de fungos.
13	Uso de roupas íntimas sintéticas; Uso de absorventes higiênicos diariamente.	O pH e a temperatura da região genital podem sofrer variações quando estão presentes alguns fatores como o uso de roupas íntimas sintéticas, absorventes higiênicos e calças apertadas, deixando a região vaginal, que já é naturalmente quente e sem ventilação, um ambiente propício para a proliferação da <i>Cândida sp.</i> (ÁLVARES; et al., 2007; BARDIN; et al., 2014; DOVNIK; et al., 2015; HOLANDA; et al., 2007) Existem alguns fatores de risco como diabetes mellitus, utilização de contraceptivos orais, utilização de roupas íntimas e gravidez.
14	Uso de roupas apertadas e com pouca ventilação; Uso de roupas íntimas de tecido sintético.	Somado ao uso de roupa jeans, o tecido do fundo da calcinha também contribui para o desenvolvimento de problemas ginecológicos, sendo as de algodão mais recomendadas em comparação às de lycra. Todavia, muitas mulheres ainda fazem o seu uso, visto que um estudioso na área verificou que o uso de roupas íntimas de lycra por 75% dos participantes do seu estudo(19). O uso desse tecido é desencorajado, pois contribui no aumento de infecções do trato urinário, uma vez que impede a transpiração adequada da região íntima, ao contrário do algodão.
15	higiene anal realizado no sentido ânus para a vagina; uso de roupas íntimas justas e/ou sintéticas.	Existem controvérsias quanto aos fatores predisponentes para CVV, porém alguns fatores têm sido relatados. A gravidez, o uso de contraceptivos orais e terapias de reposição hormonal, pois determinam altos níveis de glicogênio e também alteração do pH vaginal, resultando em um aumento de substrato nutricional dos fungos e fornecendo a infecção da mucosa vaginal. Diabetes mellitus não controlada, uso de antibióticos sistêmicos ou tópicos, parecem estar associados à destruição da microbiota bacteriana vaginal, particularmente dos bacilos de Doderlein (8-9). Segundo (2-7) fatores higiênicos inadequados dentre eles a higiene anal realizado no sentido ânus para a vagina e o uso de roupas íntimas justas e/ou sintéticas, este tipo de roupas diminui a aeração nos órgãos genitais, aumentando a umidade.

16	Uso de roupas íntimas sintéticas/justas; práticas inadequadas de higiene pós-defecação.	Houve correlações significativas entre a presença de <i>Candida</i> spp. na cultura vaginal e vários fatores de risco (Tabela 2), incluindo gravidez, idade reprodutiva, práticas inadequadas de higiene pós-defecação e uso de roupas justas/roupas íntimas sintéticas ($p < 0,05$). No entanto, não foi observada correlação com o uso de anticoncepcionais orais e práticas de lavagem pós-defecação.
17	higienizar a genitália com papel higiênico no sentido de trás para frente; Uso de roupas apertadas ou sintéticas.	O uso frequente de calça jeans/ apertada foi referida por mais da metade das participantes (83,3%). O hábito de higienizar a genitália com papel higiênico no sentido de trás para frente, uso de calça jeans, odor alterado e infecção ou reações cutâneas/dermatites em decorrência da depilação na genital foram estatisticamente significativas para a ocorrência de infecção. Esses resultados ressaltam a importância de ações preventivas e educação em saúde nas unidades de saúde, uma vez que os cuidados com a genitália e hábitos de higiene genital podem estar associados à ocorrência de vulvovaginites.

Fonte: dados da pesquisa (2023)

DISCUSSÃO

As vulvovaginites estão dentre as infecções do trato genital feminino mais frequentes e são responsáveis por aproximadamente 40% dos motivos da consulta (FEBRASGO, 2018). Essas patologias são desencadeadas, principalmente, quando o meio ambiente vaginal fisiológico, encontra-se alterado, possibilitando a proliferação de outros microrganismos e podem está associadas a processos inflamatórios (vaginite) ou sem evidências de inflamação (vaginose) (FEBRASGO, 2018).

Desse modo, enfatiza-se a importância da higiene íntima que é definida como um conjunto de ações que tem como finalidade remover o excesso de resíduos na área genital, visando a redução da disseminação ou transmissão de microrganismos patogênicos, com a intenção de prevenir infecções genitais, promover bem-estar e conforto a mulher (GIRALDO; BEGHINI, 2015). Considerando que tanto os excessos para mais como para menos da higienização genital poderão diminuir os mecanismos da defesa, promovendo desequilíbrios locais (FEBRASGO, 2018).

A partir dos estudos analisados constatou-se que os hábitos e condutas da mulher vem sofrendo alterações quanto ao seu modo de vida, seja na família, sociedade ou profissional (BRASIL, 2008). Os modos de percepção sobre questões que envolvem autocuidado, higiene íntima, saúde reprodutiva diferem significativamente entre países, sociedade e indivíduos. O status socioeconômico, a raça, a religião e o nível de escolaridade influenciam nas percepções e nos comportamentos das mulheres quanto à saúde íntima (ATTIEH *et al.* 2016).

As atividades de vida diária podem alterar a dinâmica de autocuidados da mulher, levando-a a uma diminuição do tempo para cuidar de forma saudável do seu corpo, comprometendo a qualidade de higiene e cuidados pessoais íntimos fazendo com que o uso de roupas apertadas ou pouco ventiladas, sintéticas, o uso frequente de duchas intravaginais, a higienização após evacuações no sentido posterior-anterior, o uso de absorventes diariamente, uso de sprays e desodorantes íntimos tornem-se hábitos.

Sendo assim, os hábitos de higiene íntima e cuidados com a genitália feminina são importantes na investigação de infecções vaginais, sendo necessária uma atenção especial voltada aos hábitos relacionados aos cuidados com o trato genital feminino, com o intuito de diminuir a possibilidade de ocorrência de vulvovaginites, evitando tratamentos repetitivos e sem resultados satisfatórios (FELIX, 2019).

Nesse estudo foram investigados os hábitos de higiene e cuidados com a genitália feminina e que favorecem, ou seja, que sejam fatores de risco para o desenvolvimento de vulvovaginites, de acordo com os trabalhos que foram selecionados para compor esta revisão integrativa.

Observou-se que algumas práticas, comportamentos como hábitos de higiene, vestuário são reconhecidas como fatores de risco para candidíase vulvovaginal, vaginose bacteriana, vulvovaginites (ESPINHEIRO, 2022). O hábito de vida mais frequente, que pode ser relacionado à ocorrência de VV entre os estudos analisados, foi o uso de roupas apertadas e/ou sintéticas e/ou com pouca ventilação, sendo relatado por 58,82% das pesquisas.

O uso de vestimentas que comprimem a região genital, como calças justas e com pouca aeração podem causar irritação, alergias ou corrimento indesejável devido à maior umidade e a variação de temperatura na microbiota genital (FELIX, 2019; FEBRASGO, 2018).

Outro hábito frequente é a realização de higienização após a evacuação no sentido póstero-anterior, essa prática apresentou-se como um fator de risco para a ocorrência de VV. Dos estudos analisados 47,05% relataram esse comportamento como algo frequente. Em estudo realizado por Felix (2020) constata-se em sua pesquisa que embora a maioria das participantes do estudo tivesse pelo menos 12 anos de escolaridade essa prática era comum.

Os resultados indicam outro hábito como fator de risco a infecção do trato genital feminino, que é o uso de duchas intravaginais. Seu uso indiscriminado e habitual é considerado como um risco para o aumento de incidência de VV. Esse procedimento além de ocasionar o desequilíbrio entre os vários microrganismos habitantes da cavidade genital promovem uma remoção mecânica das bactérias próprias da microbiota local, que podem alterar o pH vaginal, facilitando a incidência das infecções (FELIX, 2019).

Além dos hábitos citados, outros como: uso de sabonetes bactericidas, uso de sprays e desodorantes íntimos (17,64%), compartilhamento de roupas íntimas e uso de roupas úmidas (11,76%), uso de absorventes diariamente (11,76%) são fatores predisponentes à ocorrência de vulvovaginites.

O estilo de vida das mulheres mudou, as inúmeras atividades de vida diária refletem muitas vezes na falta de tempo para cuidar de forma saudável do próprio corpo. Muitas vezes é complexo conduzir e prevenir casos de VV, devido ao conhecimento incompleto da patogênese, das várias condições associadas, de inúmeros produtos que surgem no mercado com aromas diversos, de hábitos e tratamentos da moda que não foram cientificamente comprovados. Os hábitos e cuidados com a genitália feminina são importantes na

investigação de infecções vulvovaginais e para a orientação de ações de educação em saúde que oriente sobre hábitos saudáveis para a mulher.

CONCLUSÃO

A pesquisa realizada através da revisão integrativa, trouxe análises e reflexões acerca do objeto do estudo, gerando discussões e possibilitando novas estratégias de solução para as práticas identificadas. A análise sobre os hábitos de higiene que são favoráveis à ocorrência de vulvovaginites e que foram relatados nos estudos selecionados para esta revisão foram identificados como fatores de risco a incidência de infecções e que trazem repercussões na autoestima da mulher.

Os hábitos que destacaram-se como favoráveis a ocorrência de doenças foram: o uso de roupas sintéticas e apertadas, a má higienização após evacuações, o uso indiscriminado e frequente de duchas intravaginais. Assim como também o uso de protetor íntimo diariamente, compartilhamento de peças íntimas, uso de sprays, desodorantes e sabonetes bactericidas.

Esses hábitos estão frequentemente associados a incidência de VV e essas infecções estão relacionadas ao bem-estar feminino que envolve variáveis diversas. O autocuidado da mulher perpassa questões culturais, costumes sociais, crenças religiosas e muitas vezes essas variáveis interferem negativamente no cuidado feminino, principalmente querendo se trata de saúde genital.

Tomando como base a pesquisa realizada, podemos perceber os cuidados inadequados relacionados a área genital feminina e a associação destes fatores a ocorrência de vulvovaginites. O presente estudo pode contribuir na compreensão acerca do cuidado e identificar práticas e lacunas que precisam de orientação de um profissional. Ressaltamos que o estudo possui limitações e necessita de novas pesquisas para que algumas lacunas sejam identificadas e analisadas.

REFERÊNCIAS

ATTIEH, E.; MAALOUF, S.; ROUMIEH, D.; ABDAYEM, P.; ABITAYEH, G.; KESROUANI, A. Feminine hygiene practices among female patients and nurses in Lebanon. **Reprod Health**, New York, v. 13, n. 59, p. 1-6, Mai. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12978-016-0182-4> Acesso: 24 de Outubro de 2023.

BAHRAM A, HAMID B, ZOHRE T. Prevalence of bacterial vaginosis and impact of genital hygiene practices in non-pregnant women in zanzan, iran. **Oman Med J**. 2009 Oct;24(4):288-93. doi: 10.5001/omj.2009.58. PMID: 22216382; PMCID: PMC3243866. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22216382/> Acesso em: 26 de Outubro de 2023.

BARDIN M. G., GIRALDO, P. C, BENETTI -PINTO, C. L., SANCHES, J. M., ARAÚJO, C. C. de ., & AMARAL, R. L. G. do .. (2022). Habits of Genital Hygiene and Sexual Activity among Women with Bacterial Vaginosis and/or Vulvovaginal Candidiasis. **Revista Brasileira De Ginecologia E Obstetricia**, 44(2), 169–177. <https://doi.org/10.1055/s-0041-1741536> Acesso em 24 de outubro de 2023.

BITTENCOURT, V. L. A.; SALES, L. X.; ARAUJO, L. C. N.; VALADARES, F. T.; RIBEIRO, M. V. de M. B.; MACHADO, Y. N.; PESSÔA, B. de M.; SANTOS, Ágata S. dos. A incidência de vulvovaginites em uma comunidade terapêutica para adolescentes. **Saúde Coletiva (Barueri)**, [S. l.], v. 12, n. 82, p. 11836–11851, 2022. DOI: 10.36489/saudecoletiva.2022v12i82p11836-11851. Disponível em: <https://revistasaudecoletiva.com.br/index.php/saudecoletiva/article/view/2923> . Acesso em: 25 de Outubro de 2023.

BRASIL. Ministério de Planejamento, Orçamento e Gestão, Instituto Brasileiro de Geografia Estatística – IBGE. **Algumas características da inserção das mulheres no mercado de trabalho, 2008**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_mulher/Suplemento_Mulher_2008.pdf>. Acesso em 24 Outubro 2023..

BRASIL. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <http://antigo.aids.gov.br/pt-br/pub/2022/protocolo-clinico-e-diretrizes-terapeuticas-para-atencao-integral-pessoas-com-infeccoes> Acesso em: 24 de setembro de 2023;

BROTAMAM, RM, KLEBANOFF MA, NANSEL, TR, ANDREWS WW, SCHWEBKE JR, ZHANG J, YU KF, ZENILMAN JM, SCHARFSTEIN DO. A longitudinal study of vaginal douching and bacterial vaginosis--a marginal structural modeling analysis. **Am J Epidemiol**. 2008 Jul 15;168(2):188-96. doi: 10.1093/aje/kwn103. Epub 2008 May 23. PMID: 18503038; PMCID: PMC2574994. Disponível em: [Estudo Longitudinal da Ducha Vaginal e da Vaginose Bacteriana – Uma Análise de Modelagem Estrutural Marginal - PMC \(nih.gov\)](#). Acesso em: 24 de outubro de 2023.

CHAVES, G. do B.; SANTOS, M. S. dos.; CAJUEIRO, S. D. Avaliação do nível de conhecimento de discentes dos cursos superiores de saúde a respeito da candidíase vaginal. v. 4 n. 1 (2015): **REVISTA SAÚDE & CIÊNCIA ONLINE** (JANEIRO-ABRIL 2015). Disponível em: [AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE CONHECIMENTO DE DISCENTES DOS CURSOS SUPERIORES DE SAÚDE A RESPEITO DA CANDIDÍASE VAGINAL | REVISTA SAÚDE & CIÊNCIA \(ufcg.edu.br\)](#). Acesso em 23. Out. 2023.

DUPRAT , . M. .; REISE, F. H. .; INDALÊNCIO, M. E. C. . Fatores de Risco Para Candidíase Vulvovaginal: Estudo Com Universitárias de Joinville, SC. **Epitaya E-books**, [S. l.], v. 1, n. 27, p. 134-149, 2023. DOI: 10.47879/ed.ep.2023670p134. Disponível em: <https://portal.epitaya.com.br/index.php/ebooks/article/view/633>. Acesso em: 24 de outubro de 2023.

FÉLIX, T. C. **Vulvovaginites em mulheres atendidas em serviço de atenção primária à saúde da família: ocorrência e hábitos de higiene.** 2019. 78f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em: <<http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/25189>> Acesso em: 24 de Setembro de 2023;

FERRIAN, A. M.; SIMÕES, F. C.; CARUSO, P. C.; CAPPI, M. E. M. "Vulvovaginites em crianças e adolescentes: uma revisão qualitativa." **Perspectivas Médicas**, vol. 18, n. 1, 2007, pp.33-38. Redalyc, <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=243217495009>. Acesso em 25 de outubro de 2023.

FREITAS, B.;PIRES, D.V.D.C.P. Fatores de risco associados à Candidíase Vulvovaginal. **Unisepe**, 2018. Disponível em: 027_fatores_risco_candidiase_vulvovaginal.pdf (unisepe.com.br) Acesso em: 26 Out. 2023.

GIRALDO, P.; BEGHINI, J. Higiene genital feminina. **Rev Bras Ginecol Obstet**, São Paulo: Farol; 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-72032013000900004> Acesso em: 23 de Outubro de 2023.

HOLANDA A. A. R. de,; FERNANDES, A. C. S.; BEZERRA, C. M.; FERREIRA, M. Â. F.; HOLANDA, M. R. R. de; HOLANDA, J. de C. P., & MILAN, E. P.. (2007). Candidíase vulvovaginal: sintomatologia, fatores de risco e colonização anal concomitante. **Revista Brasileira De Ginecologia E Obstetrícia**, 29(1), 3–9. <https://doi.org/10.1590/S0100-72032007000100002> Acesso em: 25 de outubro de 2023.

LINHARES, IM, AMARAL, RL, ROBIAL, R, ELEUTÉRIO, Junior J. **Vaginites e vaginoses**. São Paulo: Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo), 2018. (Protocolo Febrasgo – Ginecologia, nº 24/ Comissão Nacional Especializada em Doenças Infectocontagiosas). Disponível em:<www.febrasgo.org.br/images/pec/Protocolos-assistenciais/Protocolos-assistenciais-ginecologia.pdf/NOVO_Vaginites-e-Vaginoses.pdf> Acesso em: 26 de Setembro de 2023;

MEJIA, C. R. et al . Myths and beliefs of intimate care and hygiene in young peruvian women. **Rev. chil. obstet. ginecol.**, Santiago , v. 85, n. 5, p. 442-449, Oct. 2020 . Available from <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-75262020000500442&lng=en&nrm=iso> . <http://dx.doi.org/10.4067/S0717-75262020000500442>. Acesso em: 25 de outubro de 2023.

MENDES, K. D. S., SILVEIRA, R. C. de C. P., & GALVÃO, C. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto - Enfermagem**, 17(4), 758–764. 2008. Disponível em: www.scielo.br/j/tce/a/XzFkq6tjWs4wHnQnJkJKLkXQ# Acesso em: 21 de Outubro de 2023.

NEPOMUCENO, S. dos R.; DA SILVA PAIVA, J.; SOARES CHAVES ROUBERTE, E.; DE LIMA CARVALHO, C. M.; BARBOSA DE SOUSA, L. .; CARVALHO E SOUZA LEÃO CAVALCANTI, M. . CONHECIMENTO DE MULHERES ACERCA DA SAÚDE ÍNTIMA FEMININA ANTES E APÓS APLICAÇÃO DE ÁLBUM SERIADO: ESTUDO QUASE-EXPERIMENTAL . **Revista Enfermagem Atual In Derme**, [S. l.], v. 97, n. 1, p. e023044, 2023. DOI: 10.31011/reaid-2023-v.97-n.1-art.1510. Disponível em: <https://revistaenfermagematual.com/index.php/revista/article/view/1510>. Acesso em: 25 de outubro de 2023.

OLIVEIRA, D. L.; SCHMIDT, J. C. Espécies de Candida causadoras de vulvovaginites e resistência aos antifúngicos utilizados no tratamento. **Saud Pesq.** 2021;14(Supl.1):e-8022 - e-ISSN 2176-9206. Disponível em: <https://scholar.archive.org/work/dfumd2z2ifc37ii6r3mxi3tjtu/access/wayback/https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/download/8022/6887/> Acesso em 23. Out. 2023.

PEREIRA, E. P. R.; NÓBREGA, P. A. da S.; PASSOS, S. G. de. AS DIFICULDADES ENCONTRADAS PELA MULHER NA PREVENÇÃO CONTRA A CANDIDÍASE VULVOVAGINAL. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos** , Brasil, São Paulo, v. 5, n. 10, p. 198–212, 2022. DOI: 10.5281/zenodo.6785015 . Disponível em: <http://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/357> . Acesso em: 25 de outubro de. 2023.

ZENG, X.; ZHANG, Y.; ZHANG, T.; RIBEIRO, M.; XU, H.; RIBEIRO, F. Risk Factors of Vulvovaginal Candidiasis among Women of Reproductive Age in Xi'an: A Cross-Sectional Study. *Biomed Res Int* - Volume 2018, Número 0, pp. 9703754-9703754 - 2018 Acesso em: 25 de outubro de 2023.